



## Uma análise semiológica das crônicas de Clarice Lispector no Jornal do Brasil <sup>1</sup>

Isabella Smith SANDER <sup>2</sup>

Roberto José RAMOS <sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

### Resumo

A obra literária de Clarice Lispector já é reconhecida e respeitada mundialmente há anos – a escritora foi pioneira em um estilo de escrita intimista, que inspira outros autores desde então. Contudo, o seu trabalho como cronista no Jornal do Brasil, entre 1967 e 1973, permanece pouco explorado. Este é o objetivo do presente artigo: desvendar um pouco da linguagem utilizada por ela, através de uma análise semiológica de duas de suas crônicas, sob a ótica do Estruturalismo de Roland Barthes. As categorias *a priori* aplicadas serão os Gêneros Jornalísticos, de José Marques de Melo (2010), e o Mito e a Cultura, de Roland Barthes (1964, 1978, 1980). O enfoque será o que a colunista fala de sua proximidade com a escrita em si, fazendo, assim, uma relação do texto com a própria semiologia.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; crônica; semiologia; Jornal do Brasil; Estruturalismo

### Resumo

A obra literária de Clarice Lispector já é reconhecida e respeitada mundialmente há anos – a escritora foi pioneira em um estilo de escrita intimista, que inspira outros autores desde então. Contudo, o seu trabalho como cronista no Jornal do Brasil, entre 1967 e 1973, permanece pouco explorado. Este é o objetivo do presente artigo: desvendar um pouco da linguagem utilizada por ela, através de uma análise semiológica de duas de suas crônicas, sob a ótica do Estruturalismo de Roland Barthes. As categorias *a priori* aplicadas serão os Gêneros Jornalísticos, de José Marques de Melo (2010), e o Mito e a Cultura, de Roland Barthes (1964, 1978, 1980). O enfoque será o que a colunista fala de sua proximidade com a escrita em si, fazendo, assim, uma relação do texto com a própria semiologia.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; crônica; semiologia; Jornal do Brasil.

### 1 Justificativa

A escritora Clarice Lispector causa impacto em quem lê sua obra até hoje. Com uma escrita intimista e sensível, poderia ser considerada como o oposto do ideal do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Comunicação Social da PUCRS, email: isasander@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUCRS, email: rr@puers.br.



jornalismo, que visa à imparcialidade e à objetividade. Clarice não era imparcial e muito menos objetiva, mesmo em sua produção jornalística, onde imperam opiniões e divagações. Suas crônicas, publicadas semanalmente no Jornal do Brasil de 1967 a 1973, a aproximaram de classes menos intelectualizadas, que puderam ter acesso à riqueza da literatura, através do periódico.

Será realizada neste estudo a análise de duas crônicas. A intenção é identificar como a escritora se expressava, estudando como se dava a escolha dos assuntos que abordava na sua coluna.

## 2 Fundamentação teórica

O método utilizado neste estudo será o Estruturalismo. A atividade estruturalista busca elementos constantes, imutáveis em determinado conjunto de objetos. Será apresentada uma explicação geral sobre o que é crônica. Após, quando as duas crônicas selecionadas forem examinadas, três categorias serão levadas em consideração: os Gêneros Jornalísticos; o Mito; e a Cultura.

A palavra *crônica* origina-se do grego, *chronikós*, e do latim, *chronica*, que significa narração em ordem cronológica (MARTINS, 1984, p. 5). Os registros nomeados assim surgiram no início da era cristã e eram listas ordenadas de ocorrências. Só com o advento dos periódicos, os acontecimentos começaram a ser aprofundados e analisados. A crônica é o espaço literário dos jornais e das revistas; é uma forma de continuar falando sobre os acontecimentos, porém com um estilo mais artístico.

Até as reportagens – quando escritas por um jornalista de fôlego – exploram a função poética da linguagem, bem como o silêncio, em que se escondem as verdadeiras significações daquilo que foi verbalizado. Na crônica, embora não haja a densidade do conto, existe a liberdade do cronista. (SÁ, 1985, p. 9)

O desafio do cronista é transformar situações cotidianas em diálogos sobre a complexidade do ser humano, que, por si, tem conflitos internos e anseia discuti-los. Vem daí a identificação e a proximidade do leitor com o escritor da crônica. O sucesso do gênero no Brasil deve-se em grande parte a isso, e à leveza das crônicas. Trata-se de um estilo muito aberto à personalidade de cada autor, pois o único preceito é lidar com o circunstancial. Porém, o conceito de circunstancial também é relativo, levando em conta que muitos assuntos discutidos são atuais e nunca o deixarão de ser: o trajeito do



garçom, a reação arrogante da madame, o jeito de caminhar do homem gordo. Há situações que farão parte do cotidiano do leitor mesmo que a crônica seja vislumbrada anos após sua publicação original. Para ser chamada de literatura, a crônica deve cumprir os princípios básicos da arte de escrever: ensinar, comover e deleitar.

Além de Clarice, muitos outros escritores consagrados escreveram e escrevem até hoje crônicas em jornais e revistas. “Amoldá-la [a crônica] à obra literária até a literariedade tem sido o desempenho de expressivos cronistas brasileiros que entrelaçam o fazer jornalístico com o lirismo, a linguagem coloquial com a palavra poética” (MARTINS, 1977, p. 10).

A Semiologia é a ciência geral dos signos. É mais abrangente do que a linguística, que estuda apenas a linguagem, porque o termo *signos* pode se referir também a imagens, gestos, vestuários. Ou seja, qualquer coisa que possa significar algo.

O objetivo da pesquisa semiológica é reconstituir o funcionamento dos sistemas de significação diversos da língua, segundo o próprio projeto de qualquer atividade estruturalista, que é constituir um simulacro dos objetos observados. (BARTHES, 1964, p. 103)

A Literatura e a Semiologia conjugam-se e corrigem-se uma a outra, de acordo com Barthes (1978). Por um lado, esmiuçar o texto obriga a perceber as diferenças e impede de generalizar o que não é geral. No entanto, ao mesmo tempo o olhar semiótico força a recusar o mito da criatividade pura. “O Mito deve ser pensado – ou repensado – para que melhor se decepcione”. (BARTHES, 1978, p. 36)

As duas crônicas escolhidas foram determinadas em virtude do foco deste trabalho. A pesquisa é voltada para a produção de Clarice Lispector em um periódico. Como se trata de uma escritora de livros e como a contribuição jornalística dela não é o principal de seu trabalho, é interessante buscar entender se Clarice tentou se adequar à linguagem das crônicas e, se tentou, como isso se deu.

Os textos separados para a análise falam justamente do assunto deste estudo: o desconforto da cronista durante o exercício da profissão de jornalista e como ela se sente ao escrever suas colunas. A escolha das três categorias citadas anteriormente para focalizar o trabalho ocorreu pela possível relação que elas podem ter com a escrita de Clarice, o que será verificado.

De acordo com François Dosse (1993), o termo Estruturalismo surgiu em 1916, no livro *Cours de linguistique générale*, de Ferdinand de Saussure. A característica principal



dessa corrente de pensamento é que não há fatos isolados, mas partes de um todo. O Estruturalismo é constituído por duas operações: a Segmentação e o Agenciamento. Na Segmentação, o objeto é decomposto, produzindo várias unidades. Depois de as unidades serem analisadas, são fixadas regras de associação a elas. Essa operação chama-se Agenciamento, quando o objeto é recomposto, para que seja encontrado o invariante.

Os conceitos que serão analisados dentro das crônicas de Clarice Lispector são: o Mito e a Cultura, ambos na concepção teórica de Roland Barthes; e os Gêneros Jornalísticos, pela abordagem do livro *Gêneros Jornalísticos no Brasil*, organizado por José Marques de Melo e Francisco de Assis (2010).

O Jornalismo Brasileiro sempre teve essa dicotomia entre a informação e a opinião. Em sua maioria, os textos do Gênero Opinativo se originavam – e ainda se originam – de acontecimentos noticiados pela ala mais imparcial dos periódicos.

Os cinco principais formatos do Gênero Opinativo são a resenha, a coluna, o comentário, a caricatura e a crônica. A estrutura básica do texto opinativo é a sequência *hipótese* e depois *conclusão*. Entretanto, é difícil o encaixe de algumas publicações em determinadas categorias, “isso porque nem sempre o autor ao escrever seu texto, ou discurso, está preocupado em prender-se, ou a adequar-se, em determinado gênero” (MELO, 2010, p. 98). É o caso de Clarice Lispector, que afirmava não conseguir se encaixar no estilo de escrita usualmente aplicado em crônicas. Essa é uma dificuldade sentida na imprensa brasileira como um todo – em alguns casos, a coluna pode se aproximar do comentário, da crônica e até mesmo da resenha.

O Mito tradicionalmente é visto como uma narrativa de tempos antigos, onde aparecem seres imaginários que simbolizam forças da natureza ou aspectos da vida humana. Na antropologia, o Mito é visto como uma narração simbólica transmitida de geração em geração e considerada como verdade dentro de um determinado grupo. Para Barthes (1980), o Mito é uma linguagem, não apenas uma narrativa. Essa forma de mensagem não nega as coisas, mas as torna ingênuas. Assim, o Mito legitima a sociedade vigente.

Tudo pode constituir um Mito, na concepção de Barthes (1980), desde que possa ser julgado por um discurso. Existem sete tipos de Mito: o Mito Vacina, em que é revelado ou denunciado um problema secundário, para esconder um problema essencial; o Mito da Omissão da História, que descontextualiza objetos e fatos, fazendo com que se perca o sentido histórico; o Mito da Constatação, que usa provérbios, lugares-comuns e bordões como apelos discursivos; o Mito da Tautologia, em que se repe te de diversas



formas o mesmo discurso; o Mito do Ninismo, onde são descartadas duas possibilidades de mudança para ser defendida justamente a possibilidade de não-mudança; o Mito da Identificação, em que o outro só é considerado como existente se for igual ao receptor da informação – caso contrário, deixa de existir; e, por fim, o Mito da Quantificação do Real, no qual a realidade é reduzida a número definitivos e isolados.

Dentro da Semiologia, há três termos: o *significante*, que é o relato nu e cru da imagem ou texto; o *significado*, que é a interpretação dessa imagem ou texto; e o *signo* ou *significação*, que é a junção do *significante* com o *significado*. São essas três instâncias que compõem a análise.

A Cultura analisada por Barthes influencia a sociedade em todos os sentidos – são todas as formas de comunicação, falada, vista ou escrita. Nessa categoria, é observada a ascendência das experiências vividas por cada um no entendimento de mensagens verbais e não verbais. A Cultura é, sob todos os aspectos, uma língua, considerando que possui um sistema geral de símbolos regido pelas mesmas operações.

### 3 Análise

Neste momento do trabalho, será realizada a análise de duas crônicas de Clarice Lispector. As três categorias selecionadas – Gêneros Jornalísticos, Mito e Cultura – serão utilizadas como base para qualificar a pesquisa. Os textos serão comparados com as características de cada uma dessas categorias, para que haja melhor compreensão deles.

#### 3.1 Amor imorredouro

A primeira crônica, *Amor imorredouro*, foi publicada em 9 de setembro de 1967, no *Jornal do Brasil*. No texto, um dos primeiros de Clarice no periódico – sua coluna inaugural foi em 19 de agosto –, ela admite, entre outras questões, a falta de jeito com o gênero e com a escolha de assuntos.

##### **Amor imorredouro**

Ainda continuo um pouco sem jeito na minha nova função daquilo que não se pode chamar propriamente de crônica. E, além de ser neófita no assunto, também o sou em matéria de escrever para ganhar dinheiro. Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, porém, fico automaticamente mais pessoal. E



sinto-me um pouco como se estivesse vendendo minha alma. Falei nisso com um amigo que me respondeu: mas escrever é um pouco vender a alma. É verdade. Mesmo quando não é por dinheiro, a gente se expõe muito. Embora uma amiga médica tenha discordado: argumentou que na sua profissão dá sua alma toda, e no entanto cobra dinheiro porque também precisa viver. Vendo, pois, para vocês com o maior prazer uma certa parte de minha vida – a parte de conversa de sábado.

Só que, sendo neófito, ainda me atrapalho com a escolha dos assuntos. Nesse estado de ânimo estava eu quando me encontrava na casa de uma amiga. O telefone tocou, era um amigo mútuo. Também falei com ele, e, é claro, anunciei-lhe que minha função era escrever todos os sábados. E sem mais nem menos perguntei: “o que mais interessa às pessoas? Às mulheres, digamos.” Antes que ele pudesse responder, ouvimos do fundo da enorme sala a minha amiga respondendo em voz alta e simples: “O homem.” Rimos, mas a resposta é séria. É com um pouco de pudor que sou obrigada a reconhecer que o que mais interessa à mulher é o homem.

Mas que isso não nos pareça humilhante, como se exigissem que em primeiro lugar tivéssemos interesses mais universais. Não nos humilhemos, porque se perguntarmos ao maior técnico do mundo em engenharia eletrônica o que é que mais interessa ao homem, a resposta íntima, imediata e franca, será: a mulher. E de vez em quando é bom lembrarmo-nos dessa verdade óbvia, por mais encabulante que seja. Não de perguntar: “mas em matéria de gente, não são os filhos o que mais nos interessa?” Isto é diferente. Filhos são, como se diz, a nossa carne e o nosso sangue. Não, não estou fazendo literatura. Um dia desses me contaram sobre uma menina paraplégica que precisou se vingar quebrando um jarro. E o sangue me doeu todo. Ela era uma filha colérica.

O homem. Como o homem é simpático. Ainda bem. O homem é a nossa fonte de inspiração? É. O homem é o nosso desafio? É. O homem é o nosso inimigo? É. O homem é o nosso rival estimulante? É. O homem é o nosso igual ao mesmo tempo inteiramente diferente? É. O homem é bonito? É. O homem é engraçado? É. O homem é um menino? É. O homem também é um pai? É. Nós brigamos com o homem? Brigamos. Nós não podemos passar sem o homem com quem brigamos? Não. Nós somos interessantes porque o homem gosta de mulher interessante? Somos. O homem é a pessoa com quem temos o diálogo mais importante? É. O homem é chato? Também. Nós gostamos de ser chateadas pelo homem? Gostamos.

Poderia continuar com esta lista interminável até meu diretor mandar parar. Mas acho que ninguém mais me mandaria parar. Pois penso que toquei num ponto nevrálgico. E, sendo um ponto nevrálgico, como o homem nos dói. E como a mulher dói no homem.

Com a minha mania de andar de táxi, entrevisto todos os choferes com quem viajo. Uma noite dessas viajei com um espanhol ainda bem moço, de bigodinho e olhar triste. Conversa vai, conversa vem, ele me perguntou se eu tinha filhos. Perguntei-lhe se ele também tinha, respondeu que não era casado, que jamais se casaria. E contou-me sua história. Há catorze anos amou uma jovem espanhola, na terra dele. Morava numa cidade pequena, com poucos médicos e recursos. A moça adoeceu, sem que ninguém soubesse de quê, e em três dias morreu. Morreu consciente de que ia morrer, predizendo: “Vou morrer em teus braços.” E morreu nos braços dele, pedindo:



“Que Deus me salve.” O chofer durante três anos mal conseguia se alimentar. Na cidade pequena todos sabiam de sua paixão e queriam ajudá-lo. Levavam-no para festas, onde as moças, em vez de esperar que ele as tirasse para dançar, pediam-lhe para dançar com elas.

Mas de nada adiantou. O ambiente todo lembrava-lhe Clarita – este é o nome da moça morta, o que me assustou porque era quase meu nome e senti-me morta e amada. Então resolveu sair da Espanha e nem avisar aos pais. Informou-se de que só dois países na época recebiam imigrantes sem exigir carta de chamada: Brasil e Venezuela. Decidiu-se pelo Brasil. Aqui enriqueceu. Teve uma fábrica de sapatos, vendeu-a depois; comprou um bar-restaurant, vendeu-o depois. É que nada importava. Resolveu transformar seu carro de passeio em carro de praça e tornou-se chofer. Mora numa casa em Jacarepaguá, porque “lá tem cachoeiras de água doce (!) que são lindas”. Mas nesses catorze anos não conseguiu gostar de nenhuma mulher, e não tem “amor por nada, tudo dá no mesmo para ele”. Com delicadeza o espanhol deu a entender que no entanto a saudade diária que sente de Clarita não atrasa sua vida, que ele consegue ter casos e variar de mulheres. Mas amar – nunca mais.

Bom. Minha história termina de um modo um pouco inesperado e assustador.

Estávamos quase chegando ao meu ponto de parada, quando ele falou de novo na sua casa em Jacarepaguá e nas cachoeiras de água doce, como se existissem de água salgada. Eu disse meio distraída: “Como gostaria de descansar uns dias num lugar desses.”

Pois calha que era exatamente o que eu não devia ter dito. Porque, sob o risco de enveredar com o carro por alguma casa adentro, ele subitamente virou a cabeça para trás e perguntou-me com a voz carregada de intenções. “A senhora quer mesmo?! Pois pode vir!” Nervosíssima com a repentina mudança de clima, ouvi-me responder depressa e alto que não podia porque ia me operar e “ficar muito doente” (!). Dagora em diante só entrevistarei os choferes bem velhinhos. Mas isso prova que o espanhol é um homem sincero: a saudade intensa por Clarita não atrasa mesmo sua vida.

O final dessa história desilude um pouco os corações sentimentais. Muita gente gostaria que o amor de catorze anos atrasasse e muito a sua vida. A história ficaria melhor. Mas é que não posso mentir para agradar vocês. E além do mais acho justo que a vida dele não fique totalmente atrasada. Já basta o drama de não conseguir amar ninguém mais.

Esqueci de dizer que ele também me contou histórias de negócios comerciais e de desfalques – a viagem era longa, o tráfego péssimo. Mas encontrou em mim ouvidos distraídos. Só o que se chama de amor imorredouro tinha me interessado. Agora estou me lembrando vagamente do desfalque. Talvez, concentrando-me, eu me lembre melhor, e conte no próximo sábado. Mas acho que não interessa. (LISPECTOR, 1999, p. 29-32)

A primeira categoria analisada será Gêneros Jornalísticos. Eles são divididos por José Marques de Melo (2010) em *informativo*, *opinativo*, *interpretativo*, *diversional* e *utilitário*. No informativo, há o desejo de reproduzir o real. Seu relato depende de acontecimentos externos e da relação do jornalista com o fato. Neste quesito, quando



Clarice Lispector que estava na casa de uma amiga pensando sobre o que escrever, quando um amigo em comum das duas telefonou, ela procura trazer a realidade da cena, oferecendo dados como a voz ao fundo da mulher e a risada posterior dos três. O relato da viagem de táxi também pretende informar o que ocorreu. Ela tenta ser realista durante a história contada, mantendo até estranhezas como as *cachoeiras de água doce* que o chofer menciona, sem perceber que não há cachoeiras em água salgada. O final acrescenta mais uma dose de realidade à situação, por não ter nada de romântico.

O jornalismo interpretativo analisa mais profundamente do que o gênero informativo, buscando o sentido real do fato. Essa inclusão da notícia em um contexto maior é o que essa área tem a contribuir com um jornalismo mais completo. No trecho desta crônica em que a escritora cita diversas características do homem, está o conceito que as pessoas têm internalizado de o que é o homem. Logo, ela examina uma informação: a de que o homem é o maior interesse da mulher. Assim, procura analisar como esse interesse está refletido, aprofundando e embasando o assunto – características do jornalismo interpretativo.

A fim de orientar o receptor da mensagem, o jornalismo utilitário oferece informações de que a pessoa precisa agora ou pode precisar depois. Neste campo, estão incluídos serviços de valores, lugares e horários de algum evento; meteorologia, entre outros. Esse gênero não foi encontrado no texto analisado.

Nos periódicos, não há só espaço para notícias – o jornalismo também é composto, por exemplo, pelo gênero diversional. Esse gênero apresenta textos escritos com mais leveza, de uma forma diferente, para criar a sensação de lazer ao leitor. Com um traço especialmente emocional, o jornalismo diversional inclui principalmente exemplares de *New Journalism*, movimento surgido nos Estados Unidos na segunda metade do século XX que pretendia relatar histórias verídicas através de técnicas literárias. As crônicas de Clarice não se enquadram nesse gênero; porém, é visível a pretensão de que a sua coluna seja sentida como um prazer para o leitor, uma pausa no mundo sério das notícias para um pulo no mundo da subjetividade. O uso de relatos é parte da técnica literária de Clarice, o que dá leveza ao texto. Ambos os relatos encontrados nesta crônica são compostos por humor nos comentários que a autora interpõe durante as histórias e no jeito que ela conta.

O jornalismo opinativo é o gênero-base do texto analisado, o que se deve, primeiramente, a ele ser denominado uma crônica, e crônicas fazerem parte do que é considerado o gênero de opinião dentro dos gêneros jornalísticos. Uma das principais



características do texto opinativo é originar-se, em geral, de notícias dadas pelo periódico. A estrutura argumentativa é a base, contendo hipótese e conclusão. Nesta coluna, Clarice mencionou dois episódios, com seus amigos e com o taxista. O primeiro foi importante porque trouxe o assunto *homens*, o qual a escritora abordou. A estrutura hipótese/conclusão é seguida: a amiga diz que os homens são o assunto que mais interessa às mulheres e a cronista conclui que sim, oferecendo argumentos que sustentam a ideia. O segundo episódio relatado é uma história de amor eterno contada pelo motorista de um táxi pego pela colunista. A beleza do relato chama a atenção, pois o homem desistiu do amor porque sua amada faleceu. O final surpreende, já que, mesmo não conseguindo mais amar, ele demonstra não ter “parado” a sua vida, tendo experiências com outras mulheres.

Clarice evidencia suas opiniões: já começa o texto dizendo não ter jeito com crônicas e com ganhar dinheiro com a escrita, o que ela sente como se fosse vender um pouco a alma. Contudo, conclui que isso não é errado e se propõe a vender suas conversas de sábado, pois sua coluna era publicada nesse dia. Mas é franca: não sabe direito ainda sobre o que escrever, e, na busca por assuntos, chega à questão dos homens, já mencionada anteriormente, no que ela concorda que homens são o principal tema das mulheres e demonstra suas opiniões quanto aos homens em um parágrafo inteiro. O término da história do taxista, a escritora chama de inesperado e assustador, apesar de achar justo que o rapaz siga em frente com a vida, já tendo que viver sem amar. Comenta, no último parágrafo, que o chofer mencionou histórias de corrupção, mas que aquelas não interessavam a ela – apenas o chamado *amor imorredouro*.

Há sete tipos de Mito: o Mito Vacina, que revela um problema secundário, para esconder outro essencial; o da Omissão da História, que descontextualiza objetos e fatos e faz com que se perca o sentido histórico; o da Constatação, que usa provérbios e lugares-comuns como apelos discursivos; o da Tautologia, que repete de várias formas o mesmo discurso; o do Ninismo, que descarta possibilidades de mudança para defender uma possibilidade de não-mudança; o da Identificação, que só considera como existente o outro se ele for igual ao receptor; e o da Quantificação do Real, onde a realidade se torna números definitivos e isolados. Foram encontrados nesta crônica três dos tipos: o da Tautologia, o do Ninismo e o da Identificação (BARTHES, 1980).

O Mito da Tautologia é visto no trecho em que Clarice fala sobre homens. Fala que não é preciso se envergonhar de que o maior interesse da mulher é o homem, pois a resposta franca de qualquer homem seria a mesma (a mulher). Assim, a escritora repete a



informação inicial, de que nem os filhos são mais interessantes, considerando que eles são sangue do seu sangue. Em seguida, cita características do homem, repetindo-se, de certa forma, quanto à importância do homem, mesmo tendo prós e contras. Termina dizendo que o homem dói à mulher e a mulher, ao homem.

O Mito do Ninismo está no primeiro parágrafo do texto. Em dúvida sobre como escrever suas crônicas, vê como alternativa escrevê-las de forma menos pessoal, para não vender a alma. Contudo, Clarice diz que dois amigos a fizeram decidir continuar com o seu próprio estilo, e que tudo bem vender a alma para viver. Então, ela revela que venderá a parte da sua vida da conversa de sábado.

O Mito da Identificação foi encontrado no fim da crônica, quando a escritora menciona que o taxista que contou a história de amor também falou algo sobre desfalques. Porém, esses outros relatos não são levados em consideração por ela, que não se identificava com eles. Ela ficou distraída quando o condutor mudou de assunto – não porque o tema não era pertinente, mas porque a autora não o acha relevante para si.

Quanto à Cultura, a falta de jeito na função de cronista e em escrever para ganhar dinheiro de que Clarice Lispector fala pode ser interpretada como um tabu enfrentado por muitos escritores: de que a literatura é uma arte e, escrevendo por dinheiro, deixa-se de ser artista. A sociedade acaba por transformar, assim, os profissionais das letras em entidades que não possuem contas para pagar ou necessidade de se alimentar. A cronista tentava separar o título de jornalista e o de escritora: escrevia em jornais sem assinar, mas, por fim, aceitou o desafio e começou a coluna no Jornal do Brasil. Aí, precisou aprender a lidar com os próprios preconceitos, vindos de uma realidade que não concebe o meio artístico como uma área profissional possível. A insegurança causada pela nova profissão faz com que ela não saiba o que escrever, pois não sabe quem são seus leitores ou o que é interessante de se falar no jornal. A escritora demonstra que acredita que os leitores de livros são diferentes dos de jornais, não se interessam pelas mesmas coisas.

O senso comum é pensar que quem lê periódicos é menos culto do que os amantes da literatura; logo, linguagem e assuntos devem ser alterados. Assim, Clarice apela para um tema de interesse universal da mulher, que julga ser seu público-leitor. As relações humanas são o tema principal da autora em suas publicações e o interesse de um sexo pelo outro parece impressioná-la. E mesmo sendo clara a relevância do assunto, parece consenso que se deve ater-se a questões “maiores”. É o que ela ressalta: não há por que se envergonhar, pois são todos assim. O ser humano tem instintos e o social é um deles.



A história contada sobre o taxista e sua amada pode ser real, mas revela a fantasia do amor eterno, que sobrevive mesmo à morte da pessoa amada. Em uma realidade individualista, em que são cada vez mais raros casamentos sem separação, o relato do motorista de táxi traz esperança. A conclusão do caso mostra que é uma história verdadeira: ele demonstra interesse em Clarice, deixando claro que ele seguiu em frente.

### **3.2 Declaração de amor / As três experiências**

Esta coluna, dividida em dois textos, *Declaração de amor* e *As três experiências*, foi publicada em 11 de maio de 1968. No começo, Clarice se declara à língua portuguesa e fala da sua relação com a escrita no idioma. Na segunda, revela as três funções que nasceu para exercer na vida: amar os outros; escrever; e criar seus filhos.

#### **Declaração de amor**

Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento e de alerteza. E de amor. A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la – como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes lentamente, às vezes a galope.

Eu queria que a língua portuguesa chegasse ao máximo nas minhas mãos. E este desejo todos os que escrevem têm. Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança de língua já feita. Todos nós que escrevemos estamos fazendo do *túmulo do pensamento* alguma coisa que lhe dê vida.

Essas dificuldades, nós as temos. Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada. O que recebi de herança não me chega.

Se eu fosse muda, e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua eu queria pertencer, eu diria: inglês, que é preciso e belo. Mas como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português. Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.

#### **As três experiências**

Há três coisas para as quais eu nasci e para as quais eu dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos. O “amar os outros” é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra. As três coisas são tão importantes que minha vida é curta para tanto. Tenho que me



apressar, o tempo urge. Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida. Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.

E nasci para escrever. A palavra é o meu domínio sobre o mundo. Eu tive desde a infância várias vocações que me chamavam ardentemente. Uma das vocações era escrever. E não sei por quê, foi esta que eu segui. Talvez porque para as outras vocações eu precisaria de um longo aprendizado, enquanto que para escrever o aprendizado é a própria vida se vivendo em nós e ao redor de nós. É que não sei estudar. E, para escrever, o único estudo é mesmo escrever. Adestrei-me desde os sete anos de idade para que um dia eu tivesse a língua em meu poder. E no entanto cada vez que vou escrever, é como se fosse a primeira vez. Cada livro meu é uma estréia penosa e feliz. Essa capacidade de me renovar toda à medida que o tempo passa é o que eu chamo de viver e escrever.

Quanto a meus filhos, o nascimento deles não foi casual. Eu quis ser mãe. Meus dois filhos foram gerados voluntariamente. Os dois meninos estão aqui, ao meu lado. Eu me orgulho deles, eu me renovo deles, eu acompanho seus sofrimentos e angústias, eu lhes dou o que é possível dar. Se eu não fosse mãe, seria sozinha no mundo. Mas tenho uma descendência e para eles no futuro eu preparo meu nome dia a dia. Sei que um dia abrirão as asas para o vôo necessário, e eu ficarei sozinha. É fatal, porque a gente não cria os filhos para a gente, nós os criamos para eles mesmos. Quando eu ficar sozinha, estarei seguindo o destino de todas as mulheres.

Sempre me restará amar. Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar: posso um dia sentir que já escrevi o que é o meu lote neste mundo e que devo aprender também a parar. Em escrever eu não tenho nenhuma garantia.

Ao passo que amar eu posso até a hora de morrer. Amar não acaba. É como se o mundo estivesse à minha espera. E eu vou ao encontro do que me espera.

Espero em Deus não viver do passado. Ter sempre o tempo presente e, mesmo ilusório, ter algo no futuro.

O tempo corre, o tempo é curto: preciso me apressar, mas ao mesmo tempo viver com se esta minha vida fosse eterna. E depois morrer vai ser o final de alguma coisa fulgurante: morrer será um dos atos mais importantes da minha vida. Eu tenho medo de morrer: não sei que nebulosas e vias-lácteas me esperam. Quero morrer dando ênfase à vida e à morte.

Só peço uma coisa: na hora de morrer eu queria ter uma pessoa amada por mim ao meu lado para me segurar a mão. Então não terei medo, e estarei acompanhada quando atravessar a grande passagem. Eu queria que houvesse encarnação: que eu renascesse depois de morta e desse a minha alma viva para uma pessoa nova. Eu queria, no entanto, um aviso. Se é verdade que existe uma reencarnação, a vida que levo agora não é propriamente minha: uma alma me foi dada ao corpo. Eu quero renascer sempre. E na próxima encarnação vou ler meus livros como uma leitora comum e interessada, e não saberei que nesta encarnação fui eu que os escrevi.

Está-me faltando um aviso, um sinal. Virá como intuição? Virá ao abrir um livro? Virá esse sinal quando eu estiver ouvindo música?



Uma das coisas mais solitárias que eu conheço é não ter premonição. (LISPECTOR, 1999, p. 100-102)

O gênero informativo aparece quando a autora diz que nasceu para três coisas: amar os outros, escrever e criar os filhos, o que são informações. Em outro trecho, alega que a palavra é seu domínio sobre o mundo. Em relação aos filhos, afirma que não nasceram casualmente, que ela quis ser mãe. A análise que a escritora faz sobre a língua portuguesa pode ser inserida no jornalismo interpretativo. Ela explica que o idioma não foi profundamente trabalhado pelo pensamento e, por isso, não tem sutilezas.

Quanto ao gênero utilitário, novamente não teve representação no texto. Contudo, o diversional aparece mais do que na primeira crônica. O texto é mais leve, brinca com metáforas. Clarice chega a dizer que a língua portuguesa às vezes dá um pontapé em quem a transforma em linguagem de sentimento e alerteza, o que ela própria faz. Personificando o idioma, ela diz que ele reage diante de pensamentos complicados e se assusta com o imprevisível. Revela que gosta de guiar a língua pelas rédeas, como se fosse um cavalo. Ao falar que nasceu para escrever, Clarice conta que várias vocações “a chamavam” quando criança, o que é um gracejo. Também fala que seguiu na escrita, e em não outra, porque para as outras precisaria estudar. O amor à língua portuguesa pode ser considerada opinião, logo, se enquadra no gênero opinativo. As características do idioma descritas no texto não têm embasamento, vêm da visão da escritora.

Os argumentos que sustentam a ideia de que a cronista nasceu para amar os outros, escrever e criar seus filhos são muito comuns no jornalismo de opinião. A hipótese é ter vindo ao mundo para essas coisas e os argumentos surgem para embasar a ideia inicial. No final, a cronista fala da morte. Admite que, quando morrer, quer ter alguém que ame segurando a sua mão – o que realmente ocorreu, pois uma amiga estava com ela no momento da sua morte. Menciona que queria reencarnar como leitora de seus livros. Pede um aviso, se isso irá acontecer e lamenta: é solitário não ter premonição.

Dois Mitos foram determinados nesta coluna: da Omissão Histórica e da Tautologia. O da Omissão Histórica surge quando Clarice fala que a língua portuguesa ainda não foi profundamente trabalhada pelo pensamento. Ela fez essa afirmação, mas não a explicou, deixando o leitor deduzir ou supor. O Mito da Tautologia também foi percebido em diversos momentos. A cronista começa dizendo que ama a língua portuguesa. Após, que gostaria que ela chegasse ao máximo em suas mãos, e que queria não ter aprendido



outros idiomas, para ter uma abordagem límpida. O discurso repete-se, o que também ocorre no segundo texto, quando diz as três coisas que nasceu para fazer.

Quanto à Cultura, o texto fala da língua portuguesa dando a entender que não foi profundamente pensada e trabalhada, ao ser criada. Segundo a colunista, isso faz com que seja desafiador escrever sobre sentimentos. Esse ponto de vista pode ser uma relação da língua portuguesa com o Brasil, ambos novos e subdesenvolvidos. Claro: a língua não é própria do território brasileiro. Porém, não foi refletida para abranger padrões e necessidades locais, causando esse sentimento de idioma em construção.

#### **4 Considerações finais**

A escolha do tema da produção jornalística de Clarice Lispector como foco do estudo se originou do impacto de sua escrita sobre os leitores. O seu estilo intimista tomou a forma de crônicas que marcaram e aproximaram a escritora das classes menos intelectualizadas, que puderam ter alcance à literatura brasileira através do Jornal do Brasil. O principal objetivo deste estudo foi analisar como a autora lidava com a ideia de escrever crônicas em um jornal, com tipos distintos de leitores e espaço limitado, e também a sua relação com a escrita. As três categorias *a priori* utilizadas foram os Gêneros Jornalísticos, através do estudo de José Marques de Melo (2010), e Mito e Cultura, sob a ótica de Roland Barthes (1964, 1968, 1980).

Foi constatado que Clarice Lispector entrava no gênero informativo ao relatar seu cotidiano. O interpretativo teve representação apenas na primeira crônica, quando se aprofundou na análise do homem. No gênero diversional, há uma preocupação em aproximar os leitores, através de relatos e metáforas. Quanto ao opinativo, a estrutura hipótese/conclusão foi seguida nas duas publicações, aprofundando os temas.

Foi constatada na categoria Mito a escolha de poucos assuntos, de interesse da autora (Identificação), mas que foram muito abordados. Isso se deve à busca de maior compreensão, analisando de diversas formas (Tautologia) e confirmando a hipótese inicial, o que faz com que se defenda a não-mudança (Ninismo). Há um afastamento do sentido histórico dos temas (Omissão da História), o que descontextualiza-os. O Mito da Tautologia apareceu nas duas crônicas. Na primeira, também esteve presente o Mito do Ninismo e da Identificação e, na segunda, da Omissão da História.

Quanto à Cultura, na primeira crônica foi visto o tabu do escritor, que implica que quando se escreve para ganhar dinheiro, deixa-se de ser artista. Outra situação



encontrada é a ideia de que leitores de jornais e de livros são diferentes: os do periódico teriam menos cultura e a linguagem e os temas abordados seriam outros. Por isso a escolha de falar sobre relacionamento humano, tema universal. Já na segunda crônica, a ideia de que o português ainda não foi muito trabalhado vem do sentimento da sociedade de que o Brasil ainda está em desenvolvimento e a sua língua também. Apesar do idioma não ter sido originado aqui, não foi adaptado à cultura brasileira, o que causa a sensação de estar em construção.

Neste estudo, a categoria Cultura foi subdividida em duas: Preconceito e Pensamento Dominante. O Preconceito apareceu na ideia da cronista de que os leitores de jornais têm menos alcance cultural do que os de livro, e o Pensamento Dominante são opiniões que a população em geral tem, como a que a língua portuguesa está em construção e que escritores que escrevem para ganhar dinheiro não são mais artistas.

Este estudo atingiu seu objetivo, de analisar como a escritora reagia à questão de escrever em jornal, o que era uma mudança para ela e causou certo estranhamento. As principais conclusões foram a necessidade da cronista de aprofundar os assuntos, o que significa que, mesmo se tratando de um texto curto como o de uma coluna, ela mantém essa característica literária. Devido à insegurança que tinha quanto à escrita em periódicos, mantinha a atenção no que sabia que dava certo.

## Referências

- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1964. 116 p.
- BARTHES, Roland. **A aula**. 6. ed. São Paulo : Cultrix, 1978. 89 p.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 4. ed. São Paulo: DIFEL, 1980 180 p.
- DOSSE, François. **História do estruturalismo**. São Paulo : Ensaio, 1993. 2 v. : il.
- LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 480 p.
- MARTINS, Dileta Silveira. **História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul**. 1984. 360 p, tese – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1984.
- MELO, José Marques. de (Org.); ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2010. 331 p.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985. 94 p.